



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Edgar Francisco da Silva Junior

Os 50 anos de Teologia da Libertação, Rubem Alves e Gustavo Gutierrez:  
similaridades e rupturas nas obras que deram início a um novo modo de se fazer  
teologia

Pré-projeto de dissertação apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da  
Religião da Universidade Federal de Juiz de  
Fora como pré-requisito para seleção de  
Mestrado 2018.

Orientador: Prof. Dr. Edson Fernando De  
Almeida

Área de Concentração: Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo.

Juiz de Fora  
2018

## **1 TEMA**

Os 50 anos de Teologia da Libertação, Rubem Alves e Gustavo Gutierrez: similaridades e diferenciações nas obras que deram início a um novo modo de se fazer teologia.

## **2 DELIMITAÇÃO DO TEMA**

Em 2019, a “Teologia da Libertação” completará cinquenta anos. Trata-se de um marco na história do Brasil e dos países latino-americanos, dando início ao novo modo de se fazer teologia, a partir dos pobres, oprimidos e marginalizados, em uma perspectiva libertadora.

Embora as teorias sobre o diálogo entre o cristianismo e a ação político-social já houvessem sido elaboradas por alguns pensadores, entre os quais Jürgen Moltmann, Ernst Bloch e Richard Shaull, a Teologia da Libertação só vai ter de fato uma estruturação teórica, metodológica e prática a partir de dois autores: Rubem Alves e Gustavo Gutierrez. Eles partiram de contextos políticos e sociais semelhantes, situados em países subdesenvolvidos, ou os chamados países de terceiro mundo, cujas principais características eram as desigualdades sociais, e a conseqüente situação de exclusão, fome, pobreza e opressão.

Em contrapartida, apesar de algumas peculiaridades nos contextos sociais e políticos que influenciaram diretamente no pensamento desses autores para o desenvolvimento de suas teorias sobre libertação, houve diferenciações fundamentais. Uma diferenciação está nas fontes e influências de seus precursores e nas suas tradições religiosas, que são fundamentais na elaboração de suas perspectivas e teorias. Tudo isso terá grande impacto no desenvolvimento do conteúdo e prática de suas obras sobre a libertação do homem frente aos problemas da sociedade moderna, entre os quais jugo imposto pelos países capitalistas e industriais sobre os países colonizados do continente latino e sul-americano.

Os alicerces para esse processo de libertação dos países colonizados em relação aos países capitalistas e industriais têm suas reflexões mais profundas

quando os líderes religiosos se reuniram para discutir sobre as questões que eram emergentes na época. Na conferência do episcopado latino-americano em Medellín (1968), foi lançada uma pergunta básica sobre a situação dos países latino-americanos: como poderia um continente possuir o maior número de cristãos e, ao mesmo tempo, ser o mais injusto?

Poucos com muito e muitos com pouco: esses eram os desafios postos diante da reflexão teológica no contexto latino-americano da época. O objetivo era entender essa realidade e transformá-la. Vários movimentos começaram a surgir, desde a Igreja até outras esferas, como os projetos de educação de base, a pedagogia libertadora de Paulo Freire, além de movimentos de políticas alternativas, ou seja, os movimentos socialistas e os existencialistas. O clima de revolução difundiu-se em vários países. A reação a esse clima revolucionário foram os golpes militares e a repressão em todo o continente, amplamente apoiados e subsidiados pelos Estados Unidos.

No Brasil, um evento muito importante contribuiu para a formação do pensamento libertador. Entre os dias 22 e 29 de Julho de 1962, em Recife (PE), a liderança do protestantismo Brasileiro, em especial pela Igreja Presbiteriana do Brasil, promoveu a quarta reunião organizada pelo Setor de responsabilidade Social da Igreja da Confederação Evangélica do Brasil (BURITY, 2011). A atividade contou com a presença de grandes nomes do cenário religioso e político brasileiro, como Richard Shaull, um dos pioneiros na contribuição para o pensamento progressista e ecumênico na América Latina. Outros grandes personagens estiveram presentes, assim como intelectuais de outras ciências, que possibilitaram uma formulação mais ampla no pensamento político-teológico.

Em contrapartida, dois anos mais tarde, como o golpe militar de 1964, o movimento não pôde produzir muitos resultados, tendo suas vozes suprimidas, de modo que muitas das ideias iniciais do movimento perderam expressão. Após os militares assumem o poder, uma grande onda de repressão, censura, e violência espalhou-se por todo o país. A igreja poderia ser uma resistência a esse processo opressor sobre as massas, a imprensa e todos os meios de comunicação, mas apoiou o governo ditatorial mantendo o “status quo”.

Tal contexto inspirou um dos maiores pensadores do Brasil: Rubem Alves. Pastor Presbiteriano e teólogo da cidade de Boa Esperança, elaborou a obra que

seria o embrião revolucionário e inovador de toda a base teológica até então conhecida, transformando todo o campo religioso brasileiro e latino-americano, tanto católico como protestante.

Em 1963, Rubem Alves deixou as atividades pastorais e sua casa para fazer mestrado no *Union Theological Seminary*, em Nova Iorque. Sobre sua estada em Nova Iorque e a situação do Brasil, Alves escreve:

Era uma tarde comum, na cidade de Nova Iorque. Fim de um ano de sofrimentos. Tinha deixado esposa e filhos no Brasil para fazer um mestrado. Mas a saudade era grande demais. Arrumei minhas malas várias vezes para voltar, convencido que nenhum grau acadêmico valia a dor da separação. No meu quarto eu havia colocado um calendário regressivo, com o número dos dias que ainda faltavam para a volta. E, pela manhã, a primeira coisa que fazia era riscar mais um. Agora eu estava feliz. Faltava só um mês. Já terminara todos os meus compromissos acadêmicos, inclusive a tese de mestrado. O seu título revelava o que nadava pela minha cabeça. Aqueles eram anos de fervilhamento político-social no Brasil, e a gente sabia, com uma convicção escatológica que era inevitável que alguma transformação profunda acontecesse (ALVES, 2012, p.30).

A tese de Mestrado de Alves – “*A Theological Interpretation of the meaning of the Revolution in Brazil*” – demonstra claramente o que se passava em seu pensamento, analisando as condições da revolução no Brasil, a ação evangélica e a participação dos Cristãos naquela situação histórica do contexto brasileiro. Faltando apenas um mês para o seu retorno ao Brasil, ele estava indo para casa de metrô, pronto para tirar um cochilo, quando viu na sua frente um homem lendo um jornal, em cuja capa dizia: “*Revolution Brazil*”. Aquele foi o mês mais longo de sua vida:

Eu conhecia a psicologia daquele momento que se vivia no Brasil: ‘caça às bruxas’. Eu a aprendera no estudo e na experiência das Inquisições, períodos em que desaparece a inocência e a simples delação já constitui veredicto. A política eclesiástica aparecia como profecia secular. As duas são uma mesma coisa. A diferença está em que se numa os deuses aparecem com vestimentas sagradas e perfumes de incenso, nas outras as roupas são de outras cores e os rituais litúrgicos seguem outros ritmos (ALVES, 2012 p. 32).

Quando Alves retornou ao País, além de ter sido acusado de subversão pela Igreja Presbiteriana do Brasil, de que fazia parte, estava sendo procurado e indiciado pela justiça brasileira. Nesse momento delicado, Alves foi convidado

pela Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América do Norte, em combinação com o presidente do seminário de Princeton, para fazer doutoramento. Nesse período de exílio, Rubem Alves escreveu a tese “*Towards a Theology of liberation*”. Aquilo que deveria ser uma eclesiologia tornou-se uma meditação sobre a possibilidade de libertação.

No ano de 1968, conforme Alves, ele não podia imaginar que seria um primeiro afluente, quase sem água e sem nome, de um grande rio: a Teologia da Libertação (ALVES, 2012 p. 53). Um editor católico interessou-se pelo texto, mas, como o título era parecido com o de um livro de Jürgen Moltmann, que estava em alta naquele momento –*The Theology of Hope*–, pediu que Alves trocasse o título para *A Theology of Human Hope*, uma vez que “libertação” era uma palavra que não tinha respeitabilidade teológica. Tendo como prefaciador Harvey Cox, *A Theology of Human Hope* foi publicado em 1969 nos Estados Unidos da América e posteriormente traduzido para o francês, espanhol e italiano. Pode-se dizer que esse foi o primeiro embrião do que se tornaria esse grande movimento revolucionário no continente latino e sul-americano.

Em 1968, algumas semanas antes da abertura do encontro de Medellín, Gustavo Gutiérrez apresentou em Chimbote, no Peru, uma conferência que seria o gérmen da Teologia da Libertação no campo do Catolicismo. Dessa conferência saiu uma publicação intitulada *Hacia una Teologia de La Libertación*, o que serviu de base para o Livro *Teologia da Libertação: Perspectivas*, publicado em 1971, também no Peru (SILVA, 2006, p. 37).

Considerando que as obras da Teologia da Libertação de Rubem Alves e Gustavo Gutiérrez foram escritas no mesmo período e em contextos políticos e sociais semelhantes, indaga-se: porque elas se diferenciam? Como se dá o processo de aproximações e distanciamentos teológicos?

Uma possível resposta a essa indagação está no fato de que Gutiérrez desenvolve sua obra a partir de um viés marxista, com ênfase na prática e na vivência política e social. Já Rubem Alves situa-se num plano mais teórico e abstrato, que ultrapassa as categorias marxistas. Sendo assim, tendo como base o concílio do Vaticano II, as encíclicas Papais de João XXIII e Paulo VI, bem como as revoluções na América latina, Gutiérrez faz uma releitura da Bíblia a partir do pobre e do necessitado, priorizando a prática política e social na luta

contra as desigualdades e exclusões sociais no contexto latino-americano. Enquanto Rubem Alves, partindo da ditadura militar brasileira, e embasando-se nas influências dos teólogos protestantes e de vários pensadores da filosofia e das ciências humanas, bem como de poetas como Fernando Pessoa, Carlos Drummond e Cecília Meireles, desenvolveu uma teologia voltada para a libertação do corpo e do sentido erótico da vida.

## 2.1 UMA TEOLOGIA GERADA EM SOLO LATINO E SUL-AMERICANO

A Teologia busca trazer uma resposta para o homem frente aos problemas enfrentados junto às transformações culturais dentro de um contexto da sociedade em que vive. Entretanto, a teologia tradicional europeia já não respondia, tampouco explicava a realidade na qual as massas populares latino-americanas viviam, sempre repetidoras da teologia produzida na Europa. Em um discurso do Papa Bento XVI na Alemanha, ele expressa como foi formada a cultura e a teologia europeia: elas nasceram do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma, do encontro entre a fé no Deus de Israel, a razão filosófica dos Gregos e o pensamento jurídico de Roma<sup>1</sup>.

A Teologia europeia busca responder às indagações dos contextos sócio-histórico-culturais, totalmente diferentes do contexto cultural dos países da América Latina. Por isso era necessário produzir uma teologia que solucionasse os problemas dos países de solo americano e, principalmente, os subdesenvolvidos, nas suas condições econômicas, culturais e sociais.

A partir disso, alguns pensadores começaram a organizar encontros para analisar tais situações. Um teólogo da libertação explica isso com uma ilustração muito forte: a cabeça pensa a partir de onde estão os pés! O “lugar social” do teólogo influencia no seu modo de pensar a fé. Enquanto a teologia europeia preocupava-se em dar respostas para o homem ilustrado e secularizado num mundo de bem-estar-social, a teologia da libertação buscava dialogar com o homem de fé, empobrecido e oprimido pelo sistema de exclusão econômica. Por

---

<sup>1</sup> Viagem apostólica à Alemanha 22-25/09/2011, visita ao parlamento federal, discurso do Papa Bento XVI. Disponível: <http://w2.vatican.va/content/Benedict-xvi/PT/travets/2011/outside/documents/germania.htm/> (Acesso em 25 de setembro de 2018).

isso a Teologia da Libertação tem uma característica autônoma que surgiu de uma realidade latino-americana, e não como importação de modelos teológicos.

Entre esses teólogos está o peruano Gustavo Gutiérrez, um dos pioneiros nos estudos das questões entre fé e justiça social, evangelho e pobreza. O acontecimento que proporcionou subsídios para essas reflexões foi a realização do Concílio do Vaticano II (1962 – 1965), sendo fundamental para a construção do diálogo entre a Igreja e a modernidade, ao propor soluções para os problemas do mundo atual, dialogando com as ciências, principalmente as sociais, e trazendo grandes inovações, como a liberdade no culto, na prática pastoral e na produção teológica. Desse Concílio surgiram vários documentos que mudaram a face da igreja, tanto na celebração dos cultos quanto nas relações dos fiéis com os leigos: *Sacrosanctum Concilium*, *Lumen gentium*, *Dei Verbum*, e *Gaudium et spes*.

A nova consciência social da Igreja ganhou força na elaboração da teoria da dependência, criada por Fernando Henrique Cardoso e Celso Furtado, ligados à Comissão Econômica da América Latina (CEPAL). Essa teoria afirmava que a única saída para superar o subdesenvolvimento era o rompimento com os laços de dependência dos países industrializados e desenvolvidos, numa atitude de libertação (SILVA, 2006, p. 31).

Em sua obra cita a *Gaudium et spes* 44, que determina como responsabilidade de todo membro da igreja, Pastor ou Teólogo, perscrutar e discernir as linguagens de seu tempo presente e apresentá-las de forma mais clara e apropriada (GUTIÉRREZ, 1975 p.21). Desse modo, para a construção de sua teologia da libertação, Gutiérrez propôs a mediação entre o cristianismo e o marxismo, sobre cuja influência assim escreve:

A isto se acrescenta a influência do pensamento marxista centrado na práxis, dirigido para a transformação do mundo. Tem seus inícios em meados do século passado, porém sua gravitação se acentuou no clima cultural dos últimos tempos. Muitos são os que por isso pensam, com Sartre, que o marxismo, como marco formol tude todo pensamento filosófico de hoje, não é superável. Seja como for, de fato, a teologia contemporânea acha-se inesquivável e fecunda confrontação com o marxismo. E em grande parte estimulado por ele é que, apelando para suas próprias fontes, oriente-se o pensamento teológico para uma reflexão sobre o sentido da transformação deste mundo e sobre a ação do homem na história (GUTIÉRREZ, 1975 p. 22).

Portanto, a Teologia da libertação nasce de uma reação diante da pobreza e da marginalização de grandes massas do nosso continente, como afirma Gutiérrez:

Por tudo isso a teologia da libertação nos propõe talvez não tanto um novo tema para a reflexão quanto novo modo de fazer teologia. A teologia como reflexão crítica da práxis histórica é assim uma teologia libertadora, teologia da transformação libertadora da história da humanidade, portanto também da porção dela – reunida em Eclésia – que confessa abertamente Cristo. Teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo através do qual o mundo é transformado: abrindo-se – no protesto ante a dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria dos homens, no amor que liberta, na construção de nova sociedade, justa e fraterna – ao dom do reino de Deus (GUTIÉRREZ, 1975, p. 27).

Desse modo, Gutiérrez interpreta a escritura sob a ótica das ciências sociais marxistas, fazendo uma mediação teológico-pastoral, que faz a articulação entre a teoria e a prática.

A vitória de Fidel Castro com a Revolução Cubana, em 1959, e a figura de Che-Guevara como um messias, influenciaram significativamente Gutiérrez em relação ao pensamento marxista sobre a luta de classes para a superação das desigualdades sociais. Sendo assim, somente a Revolução poderia ser a solução para romper com a estrutura de exploração do povo latino-americano pelos países europeus e de primeiro mundo.

Rubem Alves, por sua vez, era um jovem fundamentalista que tinha como ícone “Billy Graham”, mas suas convicções dogmáticas tradicionais sofreram grandes transformações no Seminário Presbiteriano de Campinas (SP), onde os alunos tinham contato com os importantes teólogos da época, que traziam à tona debates e inovações teológicas. Entre esses teóricos destacam-se Bonhoeffer, Paul Tillich, Reinhold Niebuhr, Rudolf Bultman, Jürgen Moltmam, e Karl Barth.

Apesar desse, Alves assimilou sobremaneira as teorias de Marx, Freud e Feuerbach, além de outros autores das ciências sociais, adquirindo considerável bagagem para interpretar o contexto sócio-cultural brasileiro naquele período e proporcionar uma resposta teológica a toda forma de desumanização imposta pelos países de primeiro mundo. Entretanto a principal influência no pensamento de Alves é Richard Shaull, teólogo americano, seu amigo e professor no Seminário de



Campinas (SP), com quem teve acesso às obras de Marx e de quem recebeu elementos teóricos e metodológicos imprescindíveis para a compreensão do quadro político-social brasileiro. Esse conhecimento contribuiu para a construção de uma teologia comprometida com as condições típicas dos países de terceiro mundo. Sobre a importância e a contribuição do marxismo assim se expressa Alves:

Esta nova lucidez ideológica encontrou no marxismo uma ferramenta adequada para o seu propósito na presente fase da histórica. Em outras palavras, a ideologia marxista ofereceu categorias para interpretação das contradições concretas, que constituem a experiência comum do povo, e, ao mesmo tempo, mostrou uma estratégia para vencê-la. Isto quer dizer que neste contexto o marxismo ofereceu uma estratégia útil ao plano brasileiro de humanização (ALVES, 2004, p.47).

De 1942 a 1951, Shaul ficou como missionário na Colômbia, onde começou a desenvolver a Teologia da Revolução. Alves se refere ao professor como um homem cuja visão vai muito além dos outros teólogos, e que entendendo a realidade da América Latina melhor que os próprios latino-americanos, tomou-a como sua pátria (ALVES, 2004, p.13).

Com base nos teólogos protestantes da época, em Richard Shaul, e nas análises econômicas, sociais e políticas dos pensadores das Ciências Sociais, Rubem Alves desenvolveu sua reflexão teológica libertadora e, baseando-se nela, justificou a participação dos cristãos e da Igreja na Revolução que poderia levar o país à superação de sua fase colonialista e exploratória das potências econômicas estrangeiras.

Quanto à reflexão sobre o humanismo messiânico a respeito da inércia da Igreja na ação política e social, Alves criticou o princípio da Igreja de que o homem poderia ficar tranquilo, pois seu futuro, que não cabe a ele, mas a Deus, não deve ser causa de ansiedade, mas de alegria e expectativa (ALVES, 2012 p. 271). Para Alves, o homem pode e deve, na ação política, intervir na sua história, sendo o agente de sua libertação, e esse objetivo é cumprido na História em cooperação dialógica entre Deus e o Homem.

Entretanto, a proposta teológica de Rubem Alves vai para além das categorias marxistas e das questões socioeconômicas. Para Alves, o fazer teológico não é provar a existência de Deus, pois, havendo provas de sua

existência, não é necessário fazer teologia. Nas palavras de Alves, quando se vai à praia, não precisa provar sua existência, basta desfrutar, apreciar e gozar. Da mesma forma é a teologia: não precisa provar a existência de Deus, apenas desfrutar e gozar. A teologia para Alves é como um brinquedo: “Alegria é teologia sem metafísicas... Gozo no próprio texto” (ALVES, 2012, p. 54-5).

Dessa forma, em sua *Teologia da Libertação*(1969), Rubem Alves propõe uma linguagem que busca a liberdade do ser humano de todos os poderes que o reprimem e o aprisionam. Enfatiza o prazer da vida no presente em seu sentido erótico, a fim de que o homem possa abrir-se para o futuro na construção de uma vida alegre, feliz e livre de toda amarra dogmática, e do medo das mudanças e das transformações em sua vida e no mundo, sempre aberto e esperançoso para a criação de um novo amanhã.

Rubem Alves não utiliza somente os instrumentos marxistas para construção da sua *Teologia da Libertação*, mas une os elementos dionisíacos e apolíneos, apresentando de forma lúdica, erótica e alegre, um novo jeito de se fazer teologia. Além disso, faz uma combinação entre o Eros e o Ágape na batalha para a libertação do homem tanto da repressão quanto da opressão (COX, 1969). Por isso, em seus primeiros escritos, notam-se algumas manifestações da linguagem de Alves no seu labor teológico para expressar-se através da poesia que posteriormente ficou conhecida como a “Teopoética”.

## 2.2 APROXIMAÇÕES ENTRE AS TEOLOGIAS

Um dos primeiros pontos que podem ser tratados acerca das aproximações entre as duas teologias é a utilização das ciências sociais, sobretudo a análise sociológica marxista, para interpretar as condições políticas e sociais dos países da América Latina. Apesar de os teólogos clássicos europeus recusarem a sociologia como disciplina auxiliar para se interpretar determinado contexto, a própria construção tanto da cultura europeia quanto da teologia cristã, desde seus

primórdios, utilizou-se da filosofia estoica, platônica e aristotélica para a formação dos dogmas cristãos e da moral cívica europeia e toda a sua cultura<sup>2</sup>.

Sendo assim, tanto Gutiérrez quanto Alves falam da importância do uso da sociologia na construção da teologia da libertação. Gutiérrez, demonstrando seu caráter interdisciplinar na reflexão teológica na América Latina, refere-se a outras disciplinas, como a psicologia, a biologia e as ciências sociais, no auxílio da teologia, que, associada à sociologia marxista, torna-se instrumento fundamental para a transformação do mundo (GUTIÉRREZ, 1975, p. 18-22).

No pensamento heterodoxo de Alves, é perceptível a contribuição de vários pensadores tanto na formação da sua Teologia da Libertação quanto na construção de sua “Teopoética” e posteriormente a na sua “Teopedagogia”. Sobre as fontes do pensamento de Alves para a construção da sua *Teologia da Libertação* e para o afastamento dos teólogos da Teologia da Libertação Clássica (TdL), assim comentam Terra e Rainerson:

Entretanto, diferentemente dos teólogos clássicos da Libertação, Alves forjou uma TdL humano-corporal, não só a partir da análise marxista do social, chegada a ele principalmente por meio dos teóricos da Escola de Frankfurt e dos teóricos da Teoria da Dependência, mas também de outras correntes de pensamento que ele devorou:1 Lutero (a Doutrina dos Dois Reinos e a Justificação pela Fé), Otto e Barth (Deus enquanto “Totalmente Outro”), Bonhoeffer (a secularização e o conceito de polifonia), Paul Tillich (Teologia da Cultura e o Princípio Protestante), Richard Shaull (Teologia da Revolução), Wittgenstein (linguagem), Malinowski (a magia), Huizinga (o lúdico), Hesse (do romance *O jogo das contas de vidro*), Marx (religião como ópio), Freud (religião como ilusão), Nietzsche (o dionisíaco e a morte de Deus) e Feuerbach (a religião como projeção), com os quais ele dialogou em quase todas as suas obras e biografia. O ecletismo alvesiano é ainda enriquecido de interlocuções com os poetas Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Adélia Prado etc. (TERRA/RAINERSON, 2017 p. 207).

Como explicitado no início deste projeto sobre a dissertação de mestrado de Alves, ele destaca a influência da sociologia marxista como estratégia para entender a realidade do contexto brasileiro e para oferecer meios de vencer essa realidade (ALVES, 2004, p.47). Entretanto, indo além das categorias socioeconômicas e políticas da TdL de Gutiérrez baseada no sistema

---

<sup>2</sup> Viagem apostólica à Alemanha 22-25/09/2011, visita ao parlamento federal, discurso do Papa Bento XVI. Disponível: [http://w2.vatican.va/content/Benedict-xvi/PT/travets/2011/outside/documents/ger\\_mania.htm/](http://w2.vatican.va/content/Benedict-xvi/PT/travets/2011/outside/documents/ger_mania.htm/) (Acesso em 25 de setembro de 2018).

marxista, Alves utiliza os conceitos filosóficos dionisíacos de Nietzsche, para uma libertação voltada à corporeidade, já dando indícios de sua linguagem poética libertativa.

Há três pontos de convergências entre as duas teologias da libertação de Alves e Gutiérrez. A primeira convergência é sobre o colonialismo e a teoria da dependência. No bojo das duas teologias, são utilizados os conceitos da teoria da dependência e do colonialismo como base nas construções teológicas. Na TdL de Gutiérrez, nas TdL(s) Clássicas e na TdL de Rubem Alves, há o rompimento com a teologia clássica e com a reprodução dos conhecimentos teológicos europeus (SILVA, 2006, p. 31). A TdL de Alves menciona o colonialismo e as suas estruturas de dominações (ALVES, 2012, p. 67), enfatizando que o colonizado reproduzia uma linguagem e um conhecimento que não era seu, não partia do seu contexto cultural, ao que Alves denomina como vida reflexa: um conceito utilizado primeiramente em sua dissertação de mestrado e, posteriormente, na sua tese de doutoramento (ALVES, 2012, p. 64).

A segunda convergência está na escolha de Deus pelo pobre e necessitado. Tanto Gutiérrez quanto os irmãos Boff e a maioria dos Teólogos clássicos da TdL fazem uma releitura da Bíblia a partir dos pobres e necessitados, enfatizando a escolha de Deus por eles. Alves também faz essa reinterpretação da Bíblia, entretanto com um diferencial: dizendo que Deus sofre com o povo e fala a linguagem do pobre e do oprimido, e ainda fez a sua escolha por eles, porque Deus é encontrado no pobre e sofredor (ALVES, 2012 p. 233-4).

A terceira convergência consiste na libertação como antecipação da salvação, e a ação do homem no presente histórico. Uma das rupturas com a teologia tradicional europeia foi a antecipação da salvação. Ou seja, a salvação não é mais em um futuro próximo, ou um reino transcendente e espiritual, como preconiza a teologia clássica europeia e o cristianismo, levando o homem à inércia, sem ter ação na história e no seu processo de construção de vida e de salvação de toda sorte opressão, pois essa libertação e salvação eram totalmente providenciadas por Deus em um futuro próximo. Com as novas reflexões da TdL, prioriza-se uma práxis teológica que consiste na redescoberta da fé que opera pela caridade (GUTIÉRREZ, 1975, p. 20). É na ação e na práxis com o outro que se opera a espiritualidade e manifesta a chegada do reino aqui e agora. A ação

do homem é na história e não na transcendência, a teologia como labor político, ou uma práxis histórica, ou uma teologia prática (GUTIÉRREZ, 1975, p. 22). Rubem Alves também compartilha o pensamento de que toda ação do homem se dá na história e no presente, e não escatologicamente (ALVES, 2012, p. 137). O humanismo político aponta para um futuro histórico com possibilidades de libertação no presente de tudo que mantém o homem aprisionado (ALVES, 2012, p. 185). Contudo, Alves também forja uma TdL humano-corporal que propõe uma libertação corporal de todas as estruturas tecnológicas e teológicas de repressão, para que o corpo possa viver livre em um sentido lúdico, poético e dionisíaco da vida (TERRA e RAINERSON, 2017, p. 208).

### 2.3 DISTANCIAMENTOS ENTRE AS TEOLOGIAS

Como se pode notar, até mesmo numa tentativa de aproximações entre as teologias de Alves e Gutierrez, há determinadas peculiaridades e diferenças. Nas palavras de Alves, quando ele escreve em sua tese de doutorado que ele não sabia que sua obra seria um afluente sem nome e sem água de um grande rio, que é a Teologia da Libertação, sua proposta é bem diferente da de Gutiérrez: ela é um braço, um tronco ou um desdobramento da TdL clássica com similaridades, peculiaridades e diferenciações.

A primeira divergência refere-se à nova consciência. A Teologia da Libertação clássica prioriza a práxis sócio-política como já foi dito, na luta pela libertação social e econômica do pobre e oprimido, ou seja, pela caridade e obras sociais por parte da Igreja, engajando-se na luta política e social. Entretanto, na TdL de Rubem Alves, o oprimido ou cativo, impedido pelo dominador de usufruir dos bens da vida, toma consciência de sua condição de dominado, de que eram pobres porque os fizeram ser pobres, de que o colonizador também não permitia que eles se tornassem criadores da sua própria história. Com a sua nova consciência, podem tornar-se criadores de suas próprias histórias, livres para criar um novo amanhã (ALVES, 2012, p. 69-70). Na TdL de Alves, o próprio indivíduo toma consciência de sua condição, luta por sua liberdade e pela construção de seu próprio futuro. Segundo a TdL clássica, a igreja e a comunidade de fé

precisam lutar pela causa dos fracos e oprimidos, sendo esse o compromisso da Igreja e do cristão com o próximo (GUTIÉRREZ, 1975, p. 23). A diferença entre as duas propostas é que, para Gutiérrez, a Igreja e a comunidade de fé lutam em favor dos fracos, oprimidos e marginalizados. Na TdL de Alves, o próprio indivíduo toma consciência dos poderes que o aprisionam, seja a religião com seus dogmas, seja a sociedade com suas marginalizações ou a imposição dos poderosos. E assim vai lutar por sua libertação e para a construção de seu futuro na história e no presente. A libertação proposta por Alves não se limita à condição socioeconômica, mas prioriza a liberdade do corpo para vida, o abrir-se para o mundo, o lançar-se sem medo do futuro, buscando o prazer de viver e a criatividade para a construção de seu futuro no presente e na história.

A segunda divergência consiste no tecnologismo. Alves faz uma crítica ao sistema tecnológico, cujo avanço, que deveria libertar o homem, produzir alimentos suficientes para todos, resolver os problemas população, enfim resolver os grandes problemas da humanidade, tornou-se um sistema de dominação: a humanidade agora sofre porque o trabalho tem contribuído para oprimir e desumanizar o homem, sendo essa uma acusação feita por todos – cristãos, marxistas, socialistas –, enfim, todos aqueles que estão preocupados com a injustiça, com a exploração de trabalhadores, cujos salários não correspondem com o valor real do seu trabalho (ALVES, 2012, p. 83). Para além do fator social, na sua Teologia da libertação, Alves salienta que não deveria haver uma imposição de trabalho, na medida em que as pessoas deveriam ser livres para trabalhar naquilo de que mais gostam. Com o tecnologismo, há recursos suficientes para todos, por isso, se as pessoas quiserem, podem cultivar jardins, melhorar a aparência da cidade etc. Enquanto a TdL tradicional está preocupada com a condição socioeconômica do indivíduo, Alves preocupa-se com o resultado da revolução tecnológica que deveria deixar o homem livre das preocupações materiais para dar atenção à dimensão espiritual. Nisso consiste a criação de um novo homem (ALVES, 2012, p. 84).

A segunda divergência consiste na manutenção do *status quo*. Assim como Alves fala da nova consciência da liberdade, ou seja, da tomada de consciência por parte do indivíduo de que foi feito cativo e privado de usufruir dos bens naturais, ele também destaca que as pessoas devem libertar-se da estagnação e

da paralisia. O homem deve perder o medo do novo, do diferente, de se lançar para um universo de possibilidades, e aventurar-se, o que nas palavras de Alves significa caminhar para a terra prometida (ALVES, 2012, p. 219).

Para explicar melhor essa questão, Rubem Alves utiliza o exemplo da libertação do povo de Deus do Egito para a terra prometida. Ele destaca que o povo optou pela segurança, pela falsa estabilidade e pelo contentamento de cada indivíduo naquela sociedade. Por isso, Alves ressalta que o homem precisa ser liberto do desejo de permanecer como está, precisa desprender-se do que chama de “a carne do Egito” (ALVES, 2012, p. 219). “O Novo e o Velho”, uma dialética interessante que Alves traz em sua obra: é a esperança quanto à libertação humana em relação ao qualitativamente novo; contudo, não é qualquer tipo de esperança, mas aquela que é capaz de vencer o velho escravizante e dar lugar ao novo e libertador. Nas palavras de Alves, a liberdade sempre cria algo novo na história, entretanto, o novo nunca é obtido diretamente, pois o velho resiste ao novo e a ele se opõe, abortando-o. Por isso deve haver a libertação do passado escravizante para o presente aberto e libertador para o futuro, na esperança de um novo amanhã (ALVES, 2012, p. 213).

A terceira divergência refere-se à revolução, que é um dos principais conceitos marxistas. A teologia da libertação clássica utilizou este conceito em sua elaboração e na sua aplicação nos países latino-americanos, onde ser revolucionário era algo almejado por todos os cristãos, principalmente quando o Sacerdote Camilo Torres tornou-se guerrilheiro efetivo e foi morto em 1968, tornando-se mártir e espalhando o sonho revolucionário. Partindo do princípio de que o único meio de romper com a estrutura de dominação seria através de uma revolução social, Padre Gutiérrez apropria-se desse conceito para elaborar sua proposta libertadora:

Estamos aqui ao nível da análise de uma situação, no plano de certa racionalidade científica. Só uma quebra radical do presente estado das coisas, uma transformação profunda do sistema de propriedade, o acesso ao poder da classe explorada, uma revolução social que rompa com tal dependência, pode permitir acesso a uma sociedade diferente, a uma sociedade socialista. Ou, pelo menos, fazer que esta seja possível (GUTIÉRREZ, 1975, p. 34).

Rubem Alves, em contrapartida, rejeita a proposta revolucionária como forma de instrumento libertativo das estruturas de dominação da sociedade, na

medida em que, a fim de libertar o homem da opressão, os revolucionários acabam criando um novo tipo de estrutura de opressão similar, de modo que a libertação do homem de tais estruturas de repressão acabam sendo abortadas e projetadas para um futuro próximo.

Dessa forma, o presente, aberto e libertador para as coisas boas da vida e do mundo, acaba sendo destruído e negado pela esperança do futuro libertador. Com a promessa da criação de uma sociedade mais justa e igualitária, a revolução absorve toda forma de violência, brutalidade e desumanidade, negando o presente em favor do futuro e, conseqüentemente, fechando o futuro. Sendo assim, o presente libertador é tomado pela violência e opressão dos revolucionários, que acabam cometendo os mesmos pecados dos conservadores (ALVES, 2012, p. 291). Na negação do presente em favor do futuro, Alves compara a revolução com a religião e a metafísica:

Assim como a metafísica e a religião negam a terra em favor do céu, o presente aqui é negado em favor do futuro. O homem é absorvido da desumanidade e da brutalidade do presente, por ser este um tempo de transição, um tempo que não conta. E o futuro, ao ser produzido pelos revolucionários, tende a se tornar fechado, pois se acredita que ele constitua a presença do 'eschaton'. Por isso, as revoluções que uma vez foram portadoras de novas esperanças logo se tornam cristalizadas, rígidas e dogmáticas: uma verdadeira ressurreição dos pecados dos conservadores (ALVES, 2012, p. 291; grifos no original).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, essas foram algumas aproximações e diferenciações das obras primárias da Teologia da Libertação dos autores: Padre Gustavo Gutiérrez e Rubem Alves (ex-pastor, escritor, poeta e educador). As principais peculiaridades entre as obras foram o diálogo desenvolvido por Gutiérrez entre cristianismo e marxismo, fé e justiça social, evangelho e pobreza, utilizando os conceitos marxistas de luta de classes, revolução e teoria da dependência, criada por Fernando Henrique Cardoso e Celso Furtado, ligados à Comissão Econômica da América Latina (CEPAL). Rubem Alves por sua vez utiliza os conceitos marxistas e também os da teoria da dependência, entretanto seu pensamento ultrapassa essas categorias, valendo-se dos conceitos de teólogos protestantes e de



pensadores da filosofia e dos poetas para desenvolver uma teologia voltada para a libertação do corpo e do sentido erótico da vida.

Há também uma grande diferença entre as teologias na estrutura e na estética. Enquanto Gutiérrez assemelha-se aos teólogos clássicos em relação à estrutura e escrita, Rubem Alves expressa sua teologia de forma alegre, lúdica, livre, enfim, poética. Índícios dessa poeticidade foram demonstrados nas suas primeiras obras, definindo seu estilo, que ficou conhecido como Teopoesia: uma verdadeira teologia revolucionária com o uso de metáforas. Com uma linguagem filosófica e um sentido lúdico, celebrando a liberdade do corpo e o bem estar, Rubem Alves apresenta o contexto latino-americano e as estruturas de dominações, buscando transformar a sociedade e libertar o homem de toda forma de repressão e opressão.

Considerando que Rubem Alves apresenta primeiramente sua tese de mestrado em 1964 e sua tese de doutorado em 1968, acredita-se que ele seja o fundador da Teologia da Libertação. Entretanto, em suas próprias palavras, Alves afirma que não poderia imaginar sua obra como um afluente, quase sem água e sem nome, de um grande rio: a Teologia da Libertação.

Desse modo, pode-se dizer que a teologia de Alves é um desdobramento, um afluente deste grande movimento que é a Teologia da Libertação. É bem verdade que ele lançou os alicerces, mas os teólogos da libertação clássica extraíram somente as questões políticas, sociais e econômicas. Contudo, a teologia da libertação de Alves é bem mais ampla e extensa do que a TdL clássica, que tem características próprias, sendo um verdadeiro jardim, uma combinação de várias cores, formas, odores, movimentos, ritmos e sons. É nesse jardim que o homem descobre um lugar de gozo e de alegria, onde as possibilidades sensoriais do homem são estimuladas ao máximo. Esta é a obra teológica de Rubem Alves, que pode e deve ser explorada pelos estudiosos e pesquisadores, na medida em que tem muito a contribuir tanto para o conhecimento teológico e filosófico, quanto para o campo religioso, na contemporaneidade.

### **3 JUSTIFICATIVA**

O projeto visa apresentar a relevância de uma Teologia que foi produzida em solo latino e sul-americano, respondendo aos problemas típicos de nossa sociedade, para que os estudiosos não continuem reproduzindo somente as teorias e teologias européias e norte-americanas. Dessa forma, é possível desenvolver conhecimentos oriundos de contextos históricos, políticos e sociais. Embora haja vários estudos sobre a teologia da libertação, a academia brasileira carece de estudos que relacionam as obras primárias dos autores Alves e Gutiérrez. Excetuando-se artigos isolados e livros sobre a Teologia da Libertação como um todo, não circulam no Brasil artigos e pesquisas que tratam os dois autores simultaneamente.

Além disso, apesar existirem muitos estudos sobre as obras mais recentes de Rubem Alves, há poucas pesquisas de suas obras primárias sobre a teologia da libertação, importante período de grandes transformações tanto na política quanto na religião, na história brasileira e latino-americana.

#### **4 OBJETIVOS GERAIS**

Entender como a Teologia da Libertação – elaborada por dois autores no mesmo período histórico, mas localizados em países diferentes – foi importante no campo político social, religioso e intelectual, relacionando as similaridades e rupturas entre seus dois pilares.

##### **4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar como acontece o processo de construção da Teologia da Libertação de cada autor: Rubem Alves e Gustavo Gutiérrez.
- Explicar a importância da criação de uma teologia originária do continente sul-americano.
- Analisar como as Ciências Sociais forneceram subsídios para uma nova interpretação teológica do contexto sociocultural dos países subdesenvolvidos.
- Analisar como Rubem Alves e Gustavo Gutiérrez apropriam-se dos conceitos marxistas para estruturarem suas obras.
- Identificar possíveis paralelos, rupturas e continuidades entre as obras.

## 5 METODOLOGIA

No presente projeto adota-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo como referência principal a articulação de duas obras principais: *Por uma Teologia da Libertação*, de Rubem Alves, e *Teologia da Libertação: Perspectivas*, de Gustavo Gutiérrez. Estudos de obras secundárias serão analisados, assim como artigos e teses que tratam da temática pesquisada. Após a análise da bibliografia primária, secundária e dos comentadores, serão avaliados os pontos de convergência e os diferentes posicionamentos. Sendo assim, serão construídas pertinentes críticas na elaboração das obras propostas pelo autores principais. Ao final, busca-se salientar como as obras são pertinentes para a produção científica típica do continente latino-americano e a sua contribuição para a política e a religião, bem como para o processo construtivo da sociedade.

## 6 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

1º semestre de 2019: cursar quatro disciplinas no programa de mestrado do curso de Pós-Graduação em Ciência da Religião; levantamento de bibliografia, leituras básicas e encontros com o orientador.

2º semestre de 2019: cursar as disciplinas restantes; levantamento de bibliografia, preparar exame de qualificação.

1º semestre de 2020: readequação do projeto às indicações do exame de qualificação; redação do primeiro capítulo da dissertação.

2º semestre de 2020: redação dos capítulos restantes, da introdução e da conclusão; revisão geral; defesa da dissertação.

## 7 BIBLIOGRAFIA

Alves, Rubem. *Por uma Teologia da Libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. *O Suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. *O que é religião*, São Paulo, Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Teologia da Libertação em suas origens. Uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil – 1963*. Vitória: IFTAV-Faculdade Salesiana, 2004.

Boff, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Os quarenta anos da Teologia da Libertação. [https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-dateologia-da-libertacao.](https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/)

Burity, Joanildo. *Fé na revolução: protestantismo e o processo revolucionário brasileiro (1961 – 1964)*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

CERVANTES, Ortiz, I. *A Teologia de Rubem Alves: Poesia, brincadeira e erotismo*. Campinas: Papirus, 2005.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação Perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia no século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

JOÃO XIII. *As Encíclicas Sociais de João XXIII*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963. Vol. 1.

LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez 1991.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MOLTMAN, Jürgen. *A Teologia da Esperança*. São Paulo: Loyola, 2005.

NORONHA, Cejana uiara Assis. Teologia da Libertação: Origem e desenvolvimento. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.22, n. 2, p. 185-191, abr./jun. 2012.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira. *Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizadas na igreja*. Niterói, Dissertação de Mestrado de História UFF, 2006.